



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11005 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 17/GT 14 - Filosofia e Sociologia da Educação

O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER MEDIADO PELA IDEIA CORPO-MENTE E AFEETOS EM SPINOZA

Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

José Vicente de Souza Aguiar - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM

O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER MEDIADO PELA IDEIA CORPO-MENTE E AFEETOS EM SPINOZA

“[...] nossos corpos uma estrutura viva e experiencial, em que o interno e o externo, o biológico e o fenomenológico se comunicam, sem oposições”.

(Terezinha Nóbrega)

Introdução

No ambiente escolar, a supervalorização da cognição em detrimento do corpo e dos afetos simboliza uma forma de despotencialização significativa, mesmo de forma não intencional, ao limitar a capacidade expressiva dos alunos e das alunas. Assim, entendemos a importância de pensar o sujeito em sua simultaneidade corpo-mente e afetos, com vista a formação integral do ser, ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades, no sentido da construção da liberdade de pensar, de ser e de agir.

O interesse pela temática emerge de diálogos e reflexões provenientes da disciplina Tópicos filosóficos e didáticos, ministrada no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bem como a partir de deslocamentos e ponderações acerca da realidade escolar.

O presente texto versará o diálogo entre filosofia e educação, como possibilidade de reflexão, articulação, desdobramento e fundamentação teórica acerca do ato de ensinar e aprender, como forma de superar uma vida passiva, irrefletida, refém da servidão. O estudo sinaliza a necessidade de repensar corpo-mente, os encontros e afecções como possibilidade de expressão e potência, de modo a tornar a vida ativa e alegre. Isto posto, não se trata de indicar um método e seus procedimentos, mas tomar como elemento fundamental para existência humana uma vida realizada em sua afirmação, em estado de liberdade e de potência.

Método

Este estudo consiste em uma investigação teórica acerca dos encontros entre corpo-mente e os afetos ocasionados no ato de ensinar e aprender, versará o diálogo entre filosofia e educação, ao proporcionar o exercício analítico na perspectiva de fundamentos da pesquisa em educação, sob o enfoque fenomenológico. Da mesma forma, ressoa no interesse pela temática a experiência da autora como professora da Educação Básica da rede pública.

O subsídio teórico está embasado no aporte filosófico do autor Spinoza (2009) e estudiosos que dialogam diretamente com seu pensamento, a exemplo de Deleuze (2002), Merçon (2009), Novikoff e Cavalcanti (2015). Além de recorrermos ao aporte da fenomenologia-hermenêutica de Merleau-Ponty (1999) e Paul Ricoeur (1994), a sua forma de reflexividade que interroga a linguagem humana e às experiências do mundo vivido.

Discussão e resultados

O dualismo corpo/mente, razão/emoção vigorou durante muito tempo no pensamento filosófico, científico e educacional, perspectiva construída historicamente desde a Grécia Antiga pelos filósofos Sócrates (470-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384 -322 a.C.). Entretanto, foi René Descartes (1596-1650) racionalista do século XVII que ficou amplamente conhecido por instituir de forma sistemática as propriedades entre corpo e mente, ao concebê-los como substâncias distintas e separáveis. De um lado, somente o pensamento é capaz de atos verdadeiros, sendo todo o resto, fonte de dúvida. De outro, as emoções são experienciadas pela alma, sem que se tenha a anuência do corpo. Portanto, cabe a mente inibí-las, sobretudo em nome da soberania da razão como orientadora da ação humana para o entendimento dos fenômenos, inclusive os da esfera da vida.

Em objeção a este pensamento dissociativo, Spinoza (2009) estabelece uma conexão viva entre matéria-pensamento, defende a interação psicofísica entre corpo-mente como

aspectos indivisíveis de uma entidade, formas de expressão da substância. Logo, tudo o que ocorre no corpo é sentido pela mente, da mesma forma, emoções e pensamentos influenciam diretamente no corpo.

O corpo representa potência, *conatus*, possibilidade de efetuar-se, tornar-se ativo, através do encontro dos corpos, o ser modifica, é modificado e estabelece uma relação com a natureza. Ao corpo cabe a dimensão expressiva sensível, a exemplo da arte que se manifesta a partir de múltiplas linguagens, por meio da fala, dos movimentos, gestos e ações, isto é, permite construir conhecimentos de forma prática, criativa e sensível ao estabelecer vínculos entre pensamentos e ações. Dessa forma, o corpo é entendido para além das ações físico-químicas sobre o organismo.

Os apontamentos de Spinoza permitem repensar a relação que construímos com o corpo, ainda mais ao vê-lo em sua possibilidade de transformação, expressão e potência. Igualmente, precisamos concebê-lo na educação, não apenas com foco na cognitividade, mas na simultaneidade corpo-mente, afetos. Todavia, o ensino possui forte tendência a desvalorização do corpo, ou seja, centra-se na cognição destituída da experiência corpórea e afetiva, quando, na verdade, é preciso *sentir* a partir do corpo, pois são essas marcas que atribuem significado ao processo educativo.

Em Spinoza (2009) o termo afeto simboliza um distanciamento do sentido comum da palavra, relacionado ao verbo afetar - no sentido filosófico -, corresponde a um estado capaz de mover corpo-mente, assim a afetividade consiste numa ação realizada por ocasião dos encontros dos corpos. Em outros termos, “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2009, p. 98).

O corpo pode vivenciar afetos passivos, motivado por circunstâncias externas, isto é, marcado pela ausência de ato espontâneo, cujo estado de submissão diminui e refreia a potência de agir. Ou, afetos ativos, constituído por causas adequadas, oriundo de motivações internas, mediante gestos espontâneos, atitudes próprias, conscientes e autênticas, corpo-mente se esforçam para preservar e aumentar sua potência.

No processo de ensino-aprendizagem desconsiderar os afetos representa um potencial infecundo, ao reconhecer que a aprendizagem não é apenas fruto da cognição, mas corresponde as interações e relações construídas entre as pessoas, entre os corpos. Pensamento, corpo e afeto são fatores intrínsecos, pois, longe de ser fragmentado, o aluno simboliza uma conexão viva. Mediante ao exposto, convém questionar o lugar dos afetos no processo de ensino-aprendizagem: cabe ignorá-los e suprimi-los, ou, em oposição, utilizá-los como fonte de compreensão do ser e possibilidade de potência?

Spinoza (2009) pensa a vida a partir dos corpos que se entrecruzam, encontros capazes de compor e decompor. Neste sentido, buscamos refletir acerca do encontro do professor com os alunos no processo de ensino-aprendizagem, ao entender que este encontro pode resultar

em aumento ou diminuição da potência de pensar e agir:

Assim, ao pensar a educação, faz-se necessário entender as causas e os resultados dos encontros de corpos – do professor e do aluno –, bem como as composições e as decomposições que esses corpos podem gerar ao se encontrarem (NOVIKOFF; CAVALCANTI, 2015, p. 90).

Os encontros de composição intensificam os interesses, a criatividade e a potência de agir, geram afecções alegres, estimulam o pensamento, “Quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente [...]” (DELEUZE, 2002, p. 25).

Encontros de decomposição decorrem de afecções tristes, no momento em que um corpo, ideia ou ação intimidam e amedrontam o ser, que passa a ter sua potência diminuída ou refreada, fruto de encontros provenientes de castigos, medo, constrangimentos, ausência de liberdade, limitação e despotencialização do modo de agir e pensar.

Cabe ressaltar que um corpo enfraquecido não produz, é passivo e aos poucos perde seu caráter de criação e de inventividade. As ações mediadas por procedimentos didáticos e metodológicos não são suficientes para colocar em movimento o corpo, isto é, que se encontra em estado de repouso ocasionado por afecções tristes que diminuem sua alegria e, conseqüentemente, sua potência para a vida afirmativa. Diante disso, em algumas situações, ao invés de causar bons encontros, a escola é fonte de desencontros entre os corpos, modos de expressão, pensamentos e subjetividades. Merçon (2009, p. 126) destaca:

Os dois poderes da educação, ambos atravessados pelos mecanismos da moral – o poder de produzir condições que favoreçam o aumento de nossas potências de pensar e agir, preparando, dessa maneira, o devir da própria ética, assim como o seu poder de instituir e regular o bem e o mal com punições e recompensas, afastando-nos das nossas forças [...] Assim como outros processos sociopolíticos necessários à preservação do viver comum, a educação tende tanto à atividade como à passividade, pois constitui-se, em sua base imaginativa, tanto por elementos que podem vir a gerar conveniência, composição ou racionalidade, como também através de mecanismos que geram coesão por meio de restrições, mitos, ilusões ou superstições.

É importante compreender as afecções causadas nos corpos dos alunos, afinal este corpo é circunscrito pelas trocas, à medida que afeta, é afetado, o mesmo ocorre de forma inversa. Ao apropriar-se da teoria spinoziana, o professor poderá compreender a dinâmica dos afetos e suas implicações no corpo-mente do estudante, em sua potência de agir. De forma consciente das relações de causa e efeitos, poderá propiciar ações no sentido de estimular e intensificar bons encontros no ensino, composições, como forma de favorecer a construção de conhecimentos. Novikoff e Cavalcanti (2015, p. 103), afirmam que:

Os bons encontros trazem estado de alegria: tanto a mente fica mais ativa, tendo um número maior de ideias, quanto o corpo fica mais disposto a fazer coisas. Esse estado que indica o aumento da potência de agir aprimora a capacidade de existir, fortalecendo o *conatus*. Ampliando a potência de agir, os indivíduos passam a ter mais possibilidades de afetar e de serem afetados; por isso, adquirem novas possibilidades de relação com o mundo do qual fazem parte.

O professor que compreende a importância dos afetos no ensino estará mais suscetível a trabalhá-los e a oportunizar a experimentação afetiva e corpórea em sala de aula e em diferentes ambientes educativos, ou seja, ao propiciar interações, conversas, leituras, questionamentos, bem como a vivência de sensações:

A educação formal, como produtora de encontros que expandem as nossas potências de pensar e agir, soma-se, assim, ao aprendizado ético-afetivo individual, o qual se constitui como uma experiência longa, lenta e árdua, sempre atravessada pelos riscos postos por potências superiores e contrárias. Como empenho vinculado ao poder de um todo social, a educação busca oferecer caminhos práticos para a transição de nossa passividade e impotência à atividade que alcançamos pelo exercício de nosso pensar (MERÇON, 2009, p. 120).

Em outras palavras, a educação está relacionada à construção da consciência acerca de si e do mundo, cujo objetivo central visa o pleno desenvolvimento do educando, a partir da elevação de suas aptidões. O ensinar comporta o aprendizado afetivo, ao experimentar relações, afecções, ao tecer e compartilhar conhecimentos, mediante a combinação das forças, dos corpos e mentes que carregam consigo traços de subjetividades (MERÇON, 2009). Todavia, a escola comumente produz/reproduz afetos passivos, marcas de servidão e obediência, desde o início da escolarização os alunos recebem vestígios dessas forças constituintes, que refletem de forma expressiva, no corpo-mente do ser e em sua potência de pensar e agir.

Uma educação meramente transmissiva e normativa, pautada em um sistema de “passo a passo”, apresenta caráter despotencializador, nutrida pela passividade do sujeito, fomenta afecções tristes. Ao refletir acerca das possibilidades de enfrentamento e superação desse processo, consideramos necessário estranhamento e vontade de potência para a construção da liberdade. Assim, convém questionar, o que a escola oferece como espaço de produção do conhecimento? Cria encontros com vista a experiências de liberdade e de criação; ou, mesmo não sendo uma de suas finalidades, realiza encontros que levam os corpos a estados de servidão, cujo corpo é submetido a afecções que envolve o medo, a submissão, os constrangimentos.

Na vida escolar, os corpos são submetidos a sequências de realizações de provas ou

exames, isto é, em processos de averiguações da aprendizagem. Esses processos congregam a necessidade de conhecer o que foi aprendido, ao mesmo tempo em que consiste em constantes submissões dos corpos-alunos (a) a preocupações, apreensões, seguidos da produção de medo e, por sua vez, sobretudo, quando são reprovados, tristeza, que fica marcada no corpo-memória.

Acreditamos que este seja o grande desafio, construir uma prática pedagógica pautada na formação do pensamento livre, ativo e dinâmico, que vise extrapolar a heteronomia, os afetos passivos. Em outras palavras, com o intuito de:

[...] libertar o indivíduo do medo a fim de que ele viva, tanto quanto possível, em segurança, isto é, a fim de que mantenha da melhor maneira, sem prejuízo para si ou para os outros, o seu direito natural de existir e agir. O fim [da educação ou] do Estado [...] é fazer com que a sua mente e o seu corpo exerçam em segurança as respectivas funções, que eles possam usar livremente a razão e que não se digladiem por ódio, cólera ou insídia, nem se manifestem intolerantes uns com os outros. O verdadeiro fim do Estado [ou da educação] é, portanto, a liberdade (SPINOZA, 2003, p. 302, citado e adaptado por MERÇON, 2009).

A pedagogia spinoziana atua no sentido de preservar e potencializar a vida ao promover bons encontros, composições, substituir afetos tristes por alegres, afecções passivas em afecções ativas, empenhada a superar o estado de servidão da pessoa que possui corporemente governados; permite entender a si por meio dos afetos, visto que, quanto menos o sujeito compreende seus afetos e quanto mais os ignora, maiores serão as probabilidades que o remetem a uma vida passiva, refém das paixões e da servidão.

A escola precisa atuar como um espaço de afirmação da vida em suas mais diversas manifestações. Afinal, vida é expressão, criação, liberdade e movimento, circunscrita pelas relações corpóreo-afetivas provenientes dos encontros. Vida é metamorfose, impulso, ação criadora, carrega as marcas do passado rumo ao presente, simboliza a retificação e atualização de sua própria história de existência.

Deste modo, filosofia e educação representam dois caminhos possíveis para a construção da liberdade do ser. Liberdade de agir, pensar e ensinar. Educação no sentido de afirmação da vida, das potências, pautada na formação de si e do outro, ao respeitar a relação corpórea, cognitiva e afetiva, as subjetividades e expressões. Ou melhor, ativa, consciente e ética.

Conclusões

Neste texto, destacamos a construção de conhecimentos, mediado pelo encontro entre

corpo-mente e afetos, como possibilidade de constituição de uma vida potente voltada à liberdade. Para esse propósito, cabe a escola proporcionar bons encontros, afecções alegres e composições que incidirão diretamente no processo de formação dos estudantes, isto é, formação integral, no sentido da conjugação entre corpo-mente e afetos.

É oportuno enfatizar que o conhecimento corresponde ao maior e mais potente dos afetos. Diante dessa perspectiva, busca-se uma educação no sentido de afirmação da vida, a considerar que vida é expressão, criação e movimento. Nisso, a escola pode inserir dois elementos fundamentais para pensar a sua finalidade; um com vista a ideia da constituição do corpo, a construção da liberdade. Aqui não tratamos da liberdade jurídica, absolutamente fundamental, mas de experiências de liberdade relacionadas ao pensamento na sua articulação ao corpo. Já o outro, voltado para a articulação entre experiência de liberdade e expressão, direcionada para criação, para a inventividade. Vale ressaltar que em Spinoza, sobretudo na obra *Ética* (2009), o indivíduo não corresponde a um modo da substância na sua extensão, ao pensamento isolado, mas na conjugação extensão corpo e extensão pensamento, ou seja, simultaneidade corpo-mente, afetos.

Palavras-chave: Corpo-mente. Afetos. Encontros. Educação. Liberdade.

Referências

DELEUZE, G. **Espinoza – Filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERÇON, J. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas: Editora Alínea, 2009. Disponível em: <<https://www.uv.mx/personal/jmercon/files/2011/08/Aprendizado30jul2009.pdf>>. Acesso em: 05, abr. 2021.

NOVIKOFF, C.; CAVALCANTI, M. A. P. **Pensar a potência dos afetos na e para a educação**. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3442>>. Acesso em: 23, mar. 2021.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa – Tomo 1**. Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

